

ENTRE NARRATIVAS, CARTOGRAFIAS E HUMANIDADES: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DENTRO DA EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS

BETWEEN NARRATIVES, CARTOGRAPHIES, AND HUMANITIES: REFLECTIONS ON THE TEACHING OF HISTORY AND GEOGRAPHY WITHIN PRINCIPLE APPROACH

Augusto Diehl Guedes¹

RESUMO

Inseridos em um contexto de múltiplas identidades e desafios que se sobrepõem em vários âmbitos, inclusive no cenário da educação, a Educação Cristã, com destaque para a Abordagem Educacional por Princípios, se destaca como uma proposta de solidez acadêmica na formação integral dos sujeitos, integrando profundidade no conhecimento, cosmovisão cristã e um fazer pautado por um caráter permeado pelos princípios bíblicos, tanto dos que ensinam, quanto dos que aprendem. Desta forma, nossa proposta é lançar olhares sobre como as Ciências Humanas, História e Geografia, se configuram dentro de uma cosmovisão cristã e contribuem para a formação de uma visão bíblica da realidade, dado que estas disciplinas possuem papel privilegiado na formação de nossas análises, interpretações e ações sobre o mundo. Para tanto, por meio de fundamentação bibliográfica, analisaremos a constituição e fundamentação destas ciências, buscando reflexões que são de origem teórica e metodológica, aproximando este artigo do fazer pedagógico e da realidade cotidiana escolar.

Palavras-chave: Ciências Humanas; Educação; História; Geografia.

ABSTRACT

Situated within a context marked by multiple identities and by challenges that overlap across diverse spheres, including the educational field, Christian Education, particularly the Principle Approach, emerges as a proposal of notable academic robustness for the holistic formation of individuals. It integrates intellectual depth, a distinctly Christian worldview, and pedagogical practice grounded in a character shaped by biblical principles, both for those who teach and for those who learn. Accordingly, this study seeks to examine how the Humanities, History and Geography, are configured within a Christian worldview and how they contribute to the development of a biblical

¹ Pastor, professor e pesquisador. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Licenciado em História (UPF), Bacharel em Teologia (FAETEL), cursando Geografia (UNIÚNICA), possui Especialização em Metodologia do Ensino de História, Coordenação Pedagógica, Gestão Escolar (ambas pela UNIASSELVI). Atualmente é professor no Colégio Shalom em Blumenau/SC e na Formação Teológica Betel (FATEBEL) em Gaspar/SC. Atuou por cerca de cinco anos como coordenador pedagógico da Escola do Reino em Passo Fundo/RS. E-mail: augustodguedes@hotmail.com

understanding of reality, given that these disciplines occupy a privileged position in shaping our analyses, interpretations, and actions in the world. To this end, drawing on bibliographic foundations, we analyze the constitution and epistemological grounding of these fields, pursuing theoretical and methodological reflections that bring this article into closer dialogue with pedagogical practice and the everyday reality of the school environment.

Keywords: Human Sciences; Education; History; Geography

INTRODUÇÃO

Estamos em um cenário cada vez mais complexo. As questões que envolvem a política, em seus movimentos, ideologias e representatividades, a economia com seus fluxos globais, a cultura e a sociedade sentindo os impactos pelo avanço dos processos cada vez mais globalizados. A isso ainda se somam os conflitos, as disputas, as aproximações e os distanciamentos, crises de diversos âmbitos, uma conjuntura que nos lembra o descrito pelo Salmo 46, no qual o salmista apresenta Deus como refúgio e fortaleza em meio ao caos e a insegurança. Em circunstâncias de tantas incertezas, típicas do que foi analisado por Bauman (2001) ao defender a modernidade líquida, é que nossa prática docente se insere e nela que estão envoltos nossos estudantes.

Realidades complexas exigem capacidade crítica para análises coerentes e ações que externalizem transformações necessárias. Sabemos que não existe educação, processo pedagógico, nem metodologia neutra. Rinaldi (2023, p.15) nos lembra que os métodos que usamos refletem a aplicação de uma filosofia e que, desta forma, não são neutros, carregam consigo uma cosmovisão e uma intencionalidade. Quem ensina adota inevitavelmente uma filosofia da educação, que traz consigo uma cosmovisão e metodologias que são frutos desta forma de pensar e geram, por sua vez, um currículo. É por este entendimento que se constata na prática a diferença de uma escola que adota a Abordagem Educacional por Princípios (AEP) para outras abordagens e metodologias. Todo caminho (*“méthodos”*) leva a um destino.

Neste trabalho tomamos cosmovisão como as lentes pelas quais enxergamos o mundo, a realidade. Ela se refere a “qualquer ideologia, filosofia, teologia, movimento ou religião que provê uma abordagem abrangente para compreender Deus, o mundo, e as relações do homem com Deus e/ou com o

mundo” (NOEBEL apud SMITHWICK, 2020, p.31). Dr. Ronald Nasch resumiu cosmovisão de uma forma geral como “um conjunto de crenças sobre os assuntos mais importantes da vida” (apud SMITHWICK, 2020, p.31) e poderíamos aqui citar várias cosmovisões que identificamos no mundo, como a animista, humanista, marxista, teísta bíblica, entre outras, que estão intimamente ligadas aos sistemas culturais, nos quais somos constituídos e contribuímos com sua constituição.

Dado esta conjuntura, situamos que cada área do conhecimento coopera de forma diferente no processo de formação e vida dos estudantes. Elas agregam tanto pelo conteúdo que é lecionado quanto pelo método que se escolhe para tal; tanto o “quê” se ensina quanto o “como” se ensina. Das áreas, as Ciências Humanas possuem uma particularidade importante na formação de compreensões sobre os sujeitos, tempo, espaço – cosmovisão - e a agência histórica dos sujeitos nestes.

Conforme apresentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é dever da área das Ciências Humanas, composta por História, Geografia, Ensino Religioso, e a estas se articulam ainda Filosofia e Sociologia, o desenvolvimento do entendimento de que o

raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica. A capacidade de identificação dessa circunstância impõe-se como condição para que o ser humano compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas no passado ou no presente, o que o torna responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo controle dos fenômenos naturais e históricos dos quais é agente (BRASIL, 2017, p. 353).

Considerando também o que foi posto na BNCC, documento que baliza o processo educativo nacional, preconiza-se que a área das humanidades estimule nos estudantes a formação ética voltada para a construção da responsabilidade e cidadania, a valorização dos direitos humanos, o respeito ao meio ambiente e à coletividade na qual está inserido, a participação e o protagonismo, além da preocupação com demandas da desigualdade social (BRASIL, 2017, p. 354). Assim, o Ministério da Educação busca, por meio do ensino e aprendizagem nas Ciências Humanas, “cultivar a formação de alunos

intelectualmente autônomos, com capacidade de articular categorias de pensamento histórico e geográfico em face de seu próprio tempo, percebendo as experiências humanas e refletindo sobre elas” (BRASIL, 2017, p. 354).

Outros autores corroboram com este entendimento. Seja no Materialismo Histórico (marxismo), na Escola dos Annales ou na Abordagem Educacional por Princípios, ambas concordam em um ponto: nossas interpretações produzidas pelo estudo das Humanidades afetam diretamente nossa cosmovisão e o que esperamos ser e fazer no mundo em que estamos. Desde Freire (2022), com os óculos de uma práxis marxista, defendendo que o ensino de História contribui para o desenvolvimento da consciência histórica, da autonomia e da cidadania, à Paul Jehle, com as lentes do teísmo bíblico, que nos traz o entendimento de que o estudo da História nos amplia o conhecimento sobre Deus, em seus planos e bondade e no entendimento do desejo dele em derramar “suas promessas e herança” sobre a humanidade, nos trazendo firmes convicções a respeito de quem Ele é e de quem nós somos (JEHLE, 2016, p.234), ambos destacam a importância da área para a formação da cosmovisão. Carvalho (2024) acrescenta em nossa compreensão ao asseverar que é a análise geohistórica que possibilita entender de forma adequada os processos históricos, desde a formação das cidades, dos processos produtivos, das migrações, das relações interétnicas. Assim, mesmo diametralmente antagônicos, ambos percebem o papel que as humanidades têm no processo educativo, na formação da cosmovisão e no estímulo da reflexão sobre o mundo e naquilo que se quer para este.

Nesta perspectiva evidenciamos que as Ciências Humanas são um importante campo de batalha, embates e disputas. Podemos citar o quanto diferentes governos brasileiros ao longo da história do país buscaram fazer alterações no sistema de ensino para formatar o ensino também das ciências humanas de forma a atender aos projetos de Estado em curso. Como considerou Alcione Souza “conhecer os efeitos de um problema crônico é apenas o início do processo de reflexão para tentar resolvê-lo (2015, p.34).

Situado o cenário e a reflexão teórica, partimos para um aprofundamento da constituição das disciplinas de História e Geografia e como estão por sua vez articuladas dentro da Educação por Princípios.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho nos pautamos essencialmente em pesquisas bibliográficas, percorrendo tanto autores que são clássicos na historiografia, para o saber geográfico e no ensino de História e Geografia no Brasil, quanto dos autores que fundamentam a compreensão e prática da Abordagem Educacional por Princípios, obras publicadas pela Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios (AECEP). Acrescentamos reflexões de cunho metodológico a partir da literatura disponível e de nossa prática docente dos últimos anos como quem atuou já como coordenador pedagógico, ensina História e Geografia, e o faz por meio da AEP, buscando aproximar a teoria da prática, como subsídio a professores cristãos.

Nosso intuito não é a exaustão da temática, mas o levantamento de tópicos que permitam o raciocínio e a reflexão, não obstante ser a AEP uma metodologia reflexiva que objetiva proporcionar o exercício do pensamento para uma formação integral de líderes servidores ancorada em cosmovisão bíblica, erudita e criativa (RINALDI, 2023, p.21-22). Nesta perspectiva, consideramos a AEP como “uma abordagem educacional, uma maneira de ensinar e aprender que coloca a Palavra de Deus no coração de cada matéria e ensina o aluno como pensar e aprender” (SOUZA, 2015, p.48) objetivando a liberação do todo o seu potencial atingindo alvos que se coadunam ao propósito pleno da educação dentro da cosmovisão cristã: “formação de caráter, raciocínio bíblico e produção de resultados acadêmicos extraordinários” (ADAMS, 2018, p. 29).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cabe-nos neste momento definir as duas disciplinas para assentar nelas o nosso fazer. São os alicerces que nos permitem construir as edificações. Seu tamanho, sua profundidade, os materiais escolhidos especificam aquilo que suportam. Jesus nos ensinou que o fundamento é importante ao assegurar em Mateus 7:24 que “quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como o homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha”.

Quando falamos em História, vamos nos lembrar da expressão grega que remete à investigação e pesquisa. Partindo da concepção da Antiguidade, a História foi se constituindo como ciência que se ocupa com a investigação do passado e do presente dos seres humanos ao longo dos séculos. Uma das concepções mais aceitas pela historiografia brasileira atualmente é a de que a História é a ciência que estuda os seres humanos no tempo (passado e presente) e no espaço (constituído pelas relações humanas) (BARROS, 2013). Para este estudo, o historiador parte de um problema do tempo presente, e este pode ser as relações sociais, econômicas, políticas, culturais, ambientais, religiosas, educacionais, enfim, para a análise dos vestígios do passado, que são as fontes históricas. Conforme Marc Bloch, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre ele” (2001, p. 79). Jacques Le Goff (1990) acrescenta a concepção de que toda a produção humana é um documento histórico (fonte) e ela evidencia também as relações que o produziram e que o permitiram chegar até nós. Nesta perspectiva, Vasconcellos pondera que o historiador é sujeito da história, que sua análise deve ser centrada no coletivo e no presente, e deve estabelecer conexões com o passado (1999, p.110).

E dentro da AEP, como se concebe a História? Na Abordagem Educacional por Princípios, o que foi assentado aqui se considera. Estudamos os seres humanos no tempo e no espaço em que estão inseridos, privilegia-se o estudo da História com pesquisa em fontes primárias, talvez até mais do que em outras abordagens, uma vez que o aluno deve construir o conhecimento por meio da pesquisa, fomentando uma cultura erudita.

Contudo, considero que dois pontos são de fundamental importância e distinção. Enquanto na história de viés secular se propõem o agnosticismo metodológico, na AEP, Deus é o autor da História, Ele não é excluído nem passa despercebido. Esta é a base do que se defende como História Providencial. Forsten e Swanson em seu livro sobre história dos Estados Unidos asseveraram que “voltar a falar sobre a mão de Deus na fundação de nossa nação deve ser tratado com grande prioridade para que haja esperança de uma restauração cultural e espiritual” (apud SMITHWICK, 2020, p. 145). Não se anulam os feitos dos grupos humanos e nem deixam de ser considerados, mas retoma-se a

tradição judaico-cristã de entender aquilo que nos afirmou o Evangelista Lucas, considerado o primeiro autor cristão a escrever um tratado sobre a história da Igreja ainda no primeiro século – o livro de Atos dos Apóstolos, em Atos 17:26-27:

de um só homem ele fez todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e as fronteiras de seus territórios. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós

Desta forma, História não consiste somente em investigação do passado dos homens, mas investigação do passado dos seres humanos para compreender a “*His*” + “*Story*”, a História dEle (WEBSTER *apud* JEHLE, 2016, p.236). O aluno compreende-se como sujeito histórico, agente no tempo, e que deve exercer mordomia para com a herança recebida. Cultiva-se um senso de responsabilidade para com o legado que recebemos, de nossos pais, de nossa nação, e evidencia-se a sementeira e a colheita ao julgar e pensar nossas ações sobre o presente. Não estamos falando de uma história memorialista ou apenas laudatória, mas um ensino de história que vai além de projetos políticos e ideológicos a serviço do Estado e permite ao próprio estudante refletir sobre aquilo que está construindo e quem deseja se tornar no presente.

Por sua vez, quando tratamos da Geografia também nos reportamos a sua raiz etimológica, que nos aponta para a “descrição da Terra” (*geo* + *graphos*). É preciso ampliar esta definição quando estamos tratando de uma abordagem acadêmica. Trazemos a definição de Milton Santos ao pontuar que a “Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, entendido como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações.” (Santos, 1978, p. 122). Por esta razão, enquanto o objeto de estudo da História são os seres humanos, e estes no tempo e espaço, o escopo da Geografia por excelência é o espaço geográfico, que é o resultado das ações humanas e se constitui a partir do resultado da acumulação dos tempos (SANTOS, 1996), trazendo em si os aspectos naturais e antrópicos. Assim, podemos tanto estudar os climas, relevos, hidrografia, vegetações, quanto os sistemas econômicos, culturais, sociais e políticos, das relações de poder ao funcionamento dos biomas, da produção de *commodities* à organização do Estado.

Tanto no contexto acadêmico secularista/humanista quanto no teísta bíblico, sublinha-se a proximidade da História e da Geografia, sendo ciências diferentes entre si e nos seus objetos de estudo, mas que pela proximidade destes, encontram-se com pesquisas e análises que se somam e permitem a ampliação das análises. Num mundo que se apresenta mais complexo e plural, a interdisciplinariedade se põe como um imperativo acadêmico e pedagógico.

No âmbito da AEP, Geografia é tomada como a disciplina que nos revela “o cenário para a grande história de Deus” (JEHLE, 2016, p. 234). Paul Jehle pondera que

Deus pré-ordenou a Terra e toda a sua forma para que o Seu plano fosse forjado, refinado e trazido à existência da forma como Ele desejou. Assim, a Geografia é o estudo de como Deus usou a formação da Terra para guiar, direcionar, refinar e corrigir a resposta do homem à sua vontade soberana.” (2016, p. 257).

Deste modo, compreendemos que a Geografia busca demonstrar a presciência de Deus em preparar o cenário para o que Ele iria fazer na vida das pessoas, conforme descrito em Salmos 24:1, além de permitir que o homem possa exercer domínio prático sobre os recursos naturais e sabedoria em suas relações (JEHLE, 2016, p. 260-261), o que denota pelo menos a articulação de três princípios: soberania, uma vez que o homem entende o que recebeu de Deus e que deve administrá-lo, mordomia, para fazê-lo com excelência, e semeadura e colheita, entendendo suas ações como passíveis de transformação e impactos reais no presente e no futuro.

Para sintetizar o que consideramos neste tópico, percebemos que existe uma diferença na constituição e propósito das disciplinas. Paul Jehle (2016, p.234) sintetiza ao tratar da História e da Geografia no contexto providencial

Deus determinou o tempo e as estações de cada raça e nação sobre a terra. Esta é uma descrição da história providencial. O homem não tem a palavra final, nem mesmo a palavra inicial, em relação à história do ser humano na terra. Somente quando reconhecemos a mão providencial de Deus podemos compreender a História. Segundo, é Deus quem também determinou as fronteiras (literalmente as linhas costeiras) da geografia dos lugares nos quais o homem se estabeleceu. A terra e toda a sua forma é providencialmente preparada por Deus para ser o cenário da Sua História.

Nota-se que a AEP não desconsidera nem ignora as discussões acadêmicas a respeito destas temáticas no âmbito secularista/humanista, mas agrega, trazendo seu arcabouço teórico e transforma no sentido de compreender que existem diferenças latentes na compreensão basilar destas disciplinas, e no propósito final destas. Enquanto para a visão marxista a História é fruto da luta de classes e da dialética entre oprimido e opressor, que formam e transformam o espaço estudado pela Geografia, que as ações dos sujeitos devem buscar a implantação de um sistema político e ideológico preconizado, na AEP se parte da compreensão de que as atrocidades humanas têm uma grande resposta: o amor de Deus. A redenção, portanto, não vem por uma revolução, mas por uma aliança feita no calvário e que caminha para um fim inevitável, conduzido pelo Autor da História².

Saberes no cotidiano escolar: reflexões metodológicas

Posta a discussão teórica sobre as disciplinas, propomos nesta seção abordarmos duas possibilidades metodológicas dentro da História e da Geografia, no intento de aproximar nossas reflexões da prática cotidiana em sala de aula. Youmans e Adams asseveram que devemos superar propostas de currículos que “forçam o aprendizado do estudante, baseiam-se em estímulo-resposta e são injetados com sensações, formam a educação consumista de hoje e o resultante caráter dependente” (2017, p.112). As autoras propõem a AEP como uma abordagem na contramão deste movimento, uma vez que dá vida ao aprendizado e desafia à pesquisa, ao raciocínio, ao relacionar (com seu cotidiano, com seus saberes, com aplicações práticas) e ao registro, cultivando uma cultura de amor ao conhecimento. Como toda esta metodologia se expressa em sala de aula é que propomos uma reflexão de forma suscinta e passível de ampliação e adaptação.

A primeira proposta que vamos discutir é sobre a Cartografia³, conhecimento fundamental dentro da Geografia e que tem apresentado sérias

² Observa-se que o Marxismo e a História Providencial possuem concepções teleológicas da História, visto que ambas caminham em suas análises e práticas para um fim, sendo este diametralmente oposto.

³ Entendemos Cartografia consoante Oliveira (2007, p.23) ao pontuar que a “cartografia é a ciência responsável pela representação gráfica do espaço geográfico”.

lacunas no processo de alfabetização cartográfica dos nossos estudantes. Na AEP o professor não pode ignorar lacunas de aprendizagem e simplesmente seguir com o conteúdo. Em todos os anos, a leitura e interpretação cartográfica são fundamentais para a compreensão dos conhecimentos geográficos, sejam mapas, croquis, maquetes, etc. Ao buscar uma proposta significativa de aprendizagem dentro da AEP, apresento algumas possibilidades para o trabalho deste conteúdo e o desenvolvimento desta habilidade dentro da AEP, ancorado tanto na Pesquisa 4 Passos⁴ quanto nas 12 Ferramentas⁵.

Iniciando com a definição das palavras o professor buscará as que melhor se adequam a sua proposta, algumas sugestões são: cartografia, mapa, topografia, croqui, maquete, representação. Vale lembrar que a pesquisa de palavras gera erudição, domínio de vocabulário e de conceitos analíticos para podermos avançar no conteúdo.

O professor pode fazer uso de diversas ferramentas que envolvam a produção dos alunos, afinal, defendemos que a mente funciona pela tríade da reflexão – criatividade – aplicação (RINALDI, 2023, p. 17). Dentro disso é possível a construção de um croqui do caminho de casa até a escola, uma maquete de um parque da cidade, uma planta de seu quarto, a criação de um percurso ou de um novo mapa por meio do Google Earth, vai depender do seu conteúdo específico e do objetivo que se quer propor. Definida a ferramenta, acrescentamos a conexão que precisa ficar evidente: cartografar é um exercício de soberania. O professor deve lançar perguntas de raciocínio que fomentem no aluno este pensar. Se cartografia envolve conhecimento, reconhecimento e delimitação de um território ou região, qual a finalidade de fazer o seu registro e a sua produção? Historicamente, a cartografia serviu para o domínio, por isso que os colonizadores buscaram mapear os novos territórios, conquistadores faziam representações em tempos de guerra, governantes mapeavam o território com seus recursos naturais. Nesta mesma perspectiva sublinha-se que um segundo princípio emerge da reflexão: mordomia. Cartografar é um exercício de soberania e de mordomia, uma vez que envolve processos de governo e de

⁴ Para saber mais sobre a metodologia da Pesquisa 4 Passos, consultar: LIMA, André de Souza; RINALDI, Ana Beatriz; CARTAXO, Rubens. *Abordagem Educacional por Princípios: um primeiro olhar*. São Paulo: AECEP, 2018.

⁵ Para saber mais sobre as ferramentas de ensino da AEP, consultar: SOUZA, Alcione. *Educação por Princípios: Ferramentas de Ensino e Aprendizagem*. Belo Horizonte: AECEP, 2015.

administração: dos recursos naturais, da distribuição da população, da logística e defesa deste território em suas fronteiras, da organização dos espaços rurais e urbanos, das configurações urbanas. Este raciocínio é importante porque ele dá sentido a aprendizagem, coroando-a com a formação de uma mentalidade de liderança e de governo.

Os registros como forma da conclusão da atividade podem retomar o que já foi exposto (maquete, croqui, planta, mapa) por meio das Belas Artes, fomentando habilidades estéticas e artísticas com um registro significativo do próprio estudante.

Seguindo para a História, colocamos questões para o ensino do processo histórico do século XX. Este destaca-se com conflitos de magnitude global, nas suas proporções e impactos, desde a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, os Estados Totalitários, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria. Uma pergunta de sensibilização pode aguçar a curiosidade dos alunos: o século XX foi longo ou curto?⁶ Obviamente que a primeira constatação será da interpretação literal da pergunta: um século abarca 100 anos. Partindo dela, o professor conduz para uma interpretação das diferenças entre o tempo cronológico e o tempo do processo histórico, do vivido, conciliando uma pesquisa de palavras (tempo, cronologia, processo histórico) com a introdução de uma linha do tempo que pode iniciar com o imperialismo europeu na África do séc. XIX ou a partir de 1870 quando os Estados Unidos consolidam sua industrialização e passam a competir com o Reino Unido pela hegemonia global, e segue até o fim da Guerra Fria em 1991 (ou até o ataque terrorista do 11 de setembro de 2001?). Se construída na introdução do conteúdo, deve fomentar pesquisa, se elaborada ao final do conteúdo programático pode promover revisão dos conteúdos e um debate mais profundo entre os estudantes, mobilizando conceitos e conjunturas analisadas ao longo das aulas.

Como a linha do tempo é uma ferramenta muito importante para a compreensão do tempo histórico, da sucessão e conexão entre os eventos e conjunturas, o professor pode explorá-la a partir da leitura de fontes para a sua

⁶ Esta é uma discussão historiográfica que envolve as ideias de Hobsbawm e Arrighi. Para saber mais, consulta em: SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. *O século XX: breve ou longo?* Uma análise das interpretações de Eric Hobsbawm e Giovanni Arrighi. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 289–306, 2010.

construção ou da pesquisa em biografias importantes. Situar sujeitos históricos como Joseph Stálin, Benito Mussolini, Adolph Hitler, Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill como homens de seu tempo, permite uma riqueza exploratória. Se atentar para a análise de suas ideias, concepções e ações o raciocínio conduz para a reflexão sobre o caráter e o autogoverno. Por sua vez, a percepção deles como “homens de seu tempo” notabiliza as alianças (que os constituíram) e a individualidade de cada um destes líderes. Quando se contempla sua atuação como governantes de importantes nações do período estará se falando de mordomia e de soberania, finalizando com as considerações de como as obras destes personagens interferiram em impactos globais se perceberá o princípio da semeadura e colheita.

Uma sugestão é que o registro seja a própria linha do tempo, que pode ser feito em formato de mural, ou interativa, contemplando vídeos explicativos, fontes documentais e iconográficas, produzidas e reunidas pelos estudantes, até mesmo depoimentos de quem viveu esta época.

Nesta perspectiva, o trabalho de ensinar e aprender História e Geografia deixa de ser algo memorialista (datas, fatos, eventos, características, estados, capitais, dados e indicadores) ou atrelado a uma práxis marxista e passa a cultivar profundidade acadêmica nos estudantes, mobilizando e despertando para o exercício de liderança servidora, por meio de um caráter íntegro que se orienta por princípios eternos. Torna o processo de ensino e aprendizagem como um espaço que fomenta o amor a sabedoria.

Notam-se duas propostas sintéticas (não foram propostos planos de aula detalhados ou Pesquisas 4 Passos em sua íntegra) que buscaram articular a teoria discutida neste artigo sobre a concepção de História e Geografia dentro da AEP e sua reverberação em propostas metodológicas de aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomamos uma abordagem educacional, devemos ter a segurança teórica e metodológica em compreender o que estamos ensinando e para onde estamos conduzindo nossos estudantes. Distanciando de um construtivismo no

qual o professor se insere como mediador no processo educativo, e constituindo-se como professores que são currículos vivos na vida dos alunos é que se promove uma educação com fundamentação acadêmica relevante, formando sujeitos capazes de exercerem lideranças servidoras, seguindo o modelo de Jesus, com um caráter transformado pelas verdades bíblicas e uma mente assentada em governar a partir dos princípios.

Verificamos que, apesar das semelhanças, existem distanciamentos importantes e prementes no saber-fazer dentro das Ciências Humanas no aspecto humanista/secularista e dentro da cosmovisão teísta/bíblica aqui apresentada dentro da Abordagem Educacional por Princípios. Engana-se quem acha que entre teoria e metodologia existe um hiato, elas andam juntas, toda prática denuncia sua teoria, implícita ou não. Cabe ao profissional entender-se dentro de qual proposta ele quer se encontrar e ser um “professor” desta, como quem carrega uma declaração, implicando diretamente no modelo de educação que será posto e desenvolvido em sua sala de aula.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carole. *A ideia cristã de criança*. 2ª ed. São José dos Campos: AECEP, 2018.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Disponível em: < <https://www.bible.com/pt/bible/>>. Acesso em jul. 2026.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CARVALHO, Jean Lucas Vinhas Medeiros de. Interconexões geohistóricas: um estudo de caso da formação socioespacial no território brasileiro. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 06–23, 2024.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

JEHLE, Paul. *Educação por Princípios: fundamentos do currículo escolar*. São Paulo: AECEP, 2016.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, André de Souza; RINALDI, Ana Beatriz; CARTAXO, Rubens. *Abordagem Educacional por Princípios: um primeiro olhar*. São Paulo: AECEP, 2018.

OLIVEIRA, José Braga de. *Cartografia Básica*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

RINALDI, Ana Beatriz Nunes Neto. *O Método da Abordagem Educacional por Princípios*. In: RINALDI, Ana Beatriz Nunes Neto; et. al. *Metodologia da AEP: uma abordagem reflexiva*. São Paulo: AECEP, 2023. p. 09-24

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SMITHWICK, Daniel J. *Pilares: fundamentos de cosmovisão bíblica nas civilizações*. São Paulo: AECEP, 2020.

SOUZA, Alcione. *Educação por Princípios: Ferramentas de Ensino e Aprendizagem*. Belo Horizonte: AECEP, 2015.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. *O século XX: breve ou longo? Uma análise das interpretações de Eric Hobsbawm e Giovanni Arrighi*. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 289–306, 2010.

VASCONCELLOS, Maura M. M. Ensino de História: concepção e prática no ensino médio. In: BERBEL, Neusi A. N.; GIANNASI, Maria Júlia (Coord.). *Metodologia da Problemática: fundamentos e aplicações*. Londrina: UEL, 1999. p.101-150.

YOUMANS, Elizabeth L.; ADAMS, Carole G. *Renovando a mente do educador: adquirindo a mente de Cristo na educação*. São Paulo: AECEP, 2017.

WEBSTER DICTIONARY. Disponível em: <<https://webstersdictionary1828.com/Dictionary/Brazil>>. Acesso em jul. 2026.